

CRISTOVAM BUARQUE

Universidade e democracia

CRISTOVAM BUARQUE

é professor e ex-reitor da UnB, senador da República e autor de, entre outros, *A Segunda Abolição* (Paz e Terra).

OS PRIMEIROS MIL ANOS: A UNIVERSIDADE DEMOCRATIZANTE

Contra os conventos

A universidade surgiu do gesto democrático de querer ampliar o conhecimento medieval na Europa. Ampliar o horizonte da liberdade intelectual, aprisionada dentro dos muros dos conventos.

Durante séculos, o pensamento grego ficou soterrado na ortodoxia religiosa da Igreja Católica, nos corredores do Vaticano e nas bibliotecas dos conventos. Quando os textos de Platão e Aristóteles foram descobertos na Europa, graças ao trabalho de pensadores árabes, a ortodoxia católica impedia a reflexão e o aprofundamento. Os filósofos que tentavam libertar o pensamento dogmático viram-se obrigados a criar um novo espaço para essa reflexão livre.

Até o século XII, o pensamento era fechado duplamente: nas concepções místicas religiosas, nas interpretações dogmáticas, sem racionalismos, sem independência do pensador. O trabalho intelectual era de interpretar, não de avançar o conhecimento.

A universidade foi a resposta democrática, no plano intelectual, à incapacidade dos conventos para aceitar o pensamento alternativo, novo, racional, crítico, centrado na lógica dos homens e não na revelação divina. A universidade derrubou os muros dos conventos, invadiu o mundo dogmático com novos conhecimentos, velhos de mais de mil anos, mas jovens pela acuidade na maneira de explicar o mundo, e ainda mais na liberdade de serem refeitos, ampliados, aprofundados, modificados.

Contra as torres

O pensamento pré-universitário era prisioneiro dos dogmas, mas era também restrito a monges iniciados, leitores e repetidores dos textos sagrados. O segundo vetor democratizante da universidade foi seu papel disseminador de idéias.

A universidade derrubou os muros dos conventos, de dentro para fora, ao disseminar as idéias. Antes da universidade o pensamento era prisioneiro das torres de marfim – onde se refugiavam alguns raros iniciados, que contavam com poucos seguidores –, as quais impediam o conhecimento de avançar e se espalhar. A universidade derrubou as paredes dos conventos, tanto no plano dos limites ao conhecimento, quanto no plano da disseminação das idéias. Ao mesmo tempo, aprofundou e espalhou o pensamento, levou as novas idéias para o mundo, fora dos muros dos conventos e das torres de marfim.

Foi a universidade que tirou o pensamento da torre de marfim ao abrir-se para a população, aumentando o número de alunos para 80 milhões no começo do século XXI.

Ela derrubou os limites do conhecimento e os limites dos conhecedores.

Contra os castelos

Ao mesmo tempo em que derrubava os muros dos conventos para democratizar o conhecimento e as torres de marfim para espalhar o conhecimento novo, as universidades promoveram um terceiro vetor de democratização ao oferecer os instrumentos de seu conhecimento ao conjunto da população. Não apenas atraiu jovens do povo para o novo conhecimento, mas também fez com que o produto do conhecimento pudesse ser usado a serviço do povo, por meio das artes, da medicina, de todas as demais profissões. Com a formação de profissionais das mais diversas áreas, a universidade serviu para ampliar a qualidade de vida da população.

Os conventos e seminários formavam padres, a universidade passou a formar profissionais comprometidos com a democratização no acesso aos bens e serviços. Seus médicos, engenheiros, professores e todas as áreas do conhecimento com poder de transformação fizeram do mundo moderno uma realidade com maior conforto, maior esperança de vida, mais saúde, mais educação básica, melhor transporte.

Foi o conhecimento técnico gerado na universidade que deu a cara da eficiência econômica e social do mundo moderno. Democratizou o acesso da população aos bens e serviços até atingir o nível que atualmente caracteriza a vida moderna.

Contra as castas

Além do gesto democratizante no sentido de ampliar os beneficiários dos serviços de seus profissionais, a universidade também foi democratizante no sentido de derrubar as castas sociais que constituíam o mundo, impedindo promoções individuais. Com a universidade, milhões de jovens de classes desfavorecidas socialmente puderam ascender aos níveis mais altos da pirâmide social.

Ao disseminar o conhecimento e seus resultados, tanto entre seus membros universitários quanto entre os que se beneficiavam dos serviços deles, a universidade teve um quarto vetor democratizante, sob a forma de uma escada social a serviço daqueles que através dela sobem socialmente. Até a universidade, o pensamento de nível superior era um assunto de filósofos ascetas. Foi a universidade que fez do pensamento superior um instrumento mundano de promoção social para o seu detentor.

Lamentavelmente, muitos passaram a limitar o papel democratizante da universidade a esse papel de escada social, sem perceber que a promoção social de seus indivíduos é uma escada que permite ultrapassar, mas não derrubar, os muros que separam as castas. É democrático, mas corporativo.

Contra os palácios

Da mesma forma como foi usada como escada para a promoção individual de alguns de seus membros de camadas mais pobres, a universidade foi uma construtora de barricadas contra os avanços dos poderosos que tentavam impor suas vontades, ampliar ou defender seus privilégios.

O quinto vetor democratizante está na prática política que tem caracterizado o papel do universitário, especialmente os estudantes, no enfrentamento das ordens estabelecidas. A universidade tem sido um instrumento de derrubada de preconceitos e privilégios, através de sua luta nas ruas, de suas manifestações públicas, de suas tomadas de posição, de suas históricas greves de protesto.

O SEGUNDO MILÊNIO: A TENTATIVA ANTIDEMOCRÁTICA

Se ao longo de mil anos a universidade ocidental foi um instrumento para ampliar o horizonte democrático com cinco vetores democratizantes, o século XXI está trazendo o risco de uma reversão nessa tradição por causa de dois vetores. A universidade ocidental, em cada país, começa a ser instrumento de antidemocracia.

A construção da cortina

A evolução da ciência e da tecnologia, graças ao trabalho nos *campi*, é hoje instrumento de ampliação da desigualdade social. Aos poucos, essa desigualdade está se transformando em apartação, podendo chegar a uma ruptura na própria semelhança entre os seres humanos, causada por uma mutação induzida pela genética e pela biotecnologia a serviço de uma minoria. O mundo contemporâneo da modernidade global do século XXI apresenta um plane-



ta cortado por uma cortina que serpenteia passando dentro de cada país e separando os pobres dos ricos, os incluídos dos excluídos na modernidade.

Se a tendência dos últimos anos continuar, a humanidade caminhará para uma ruptura, na qual alguns seres humanos viverão mais, com mais saúde, mais inteligência e um padrão de vida de nível superior, integrados em um primeiro-mundo-internacional-dos-ricos, e os outros ficarão condenados a um *gulag*-do-neoliberalismo, um arquipélago-de-pobres-excluídos.

Uma “cortina de ouro” separará os seres humanos a ponto de que eles não se sentirão semelhantes. De certa forma, quando se percebe o tamanho da desigualdade, a falta de solidariedade internacional, a diferença na qualidade de vida de ricos e pobres, independentemente do país onde vivam, é possível imaginar que essa dessemelhança já está em marcha, e que a universidade pertence a um dos lados e trabalha para um lado só – o dos ricos.

Nos dias de hoje, a universidade está sendo instrumento mais de desigualdade do que de igualdade, porque serve para a implantação de um *apartheid* social em

escala global, não mais separando países uns dos outros, mas separando pessoas umas das outras.

No lugar de derrubar privilégios, a universidade está servindo para criar e manter privilégios, no lugar de derrubar os muros dos castelos ela constrói uma nova cortina, de ouro. A universidade do começo do século XXI parece ter optado por fazer parte do primeiro-mundo-internacional-dos-ricos nos instrumentos técnicos que cria, sem uma norma ética a ser seguida. Ela ficou antide-mocrática, do ponto de vista social.

Quando acontecer a ruptura, ela terá sido um produto baseado no pensamento criado pela universidade.

A construção da linha

Se, por um lado, a universidade apresenta uma reversão no seu papel de democratização social, ela apresenta também, no século XXI, um papel autoritário na formação do próprio pensamento.

A universidade nasceu derrubando a ortodoxia medieval da Igreja Católica, em defesa da liberdade e da diversidade intelectual, promotora da crítica e do debate que, no seu primeiro milênio, serviram para quebrar preconceitos e privilégios. Agora, ela constrói privilégios e ainda elabora os preconceitos que servem para defender esses privilégios.

O pensamento único que domina o mundo moderno, justificando a “cortina de ouro”, é um produto da universidade.

A universidade de hoje aprisiona cada um de seus membros em seu departamento, isolados do pensamento livre. Deixou de ser um centro de reflexão livre, de ação intelectual no sentido amplo. E se aprisiona na nova ortodoxia do “fim da história”, fazendo do universitário um privilegiado no acesso aos bens e serviços do primeiro-mundo-internacional-dos-ricos, criando na comunidade uma maneira de pensar sem contestação. Passou a criar um pensamento único que recusa todas as formas alternativas de pensar, sentir, projetar.



E que, sobretudo, legitima o horror do mundo atual, da desigualdade, da violência, do egoísmo, da falta de utopias e esperanças.

A PÓS-UNIVERSIDADE

Mil anos atrás, a universidade substituiu o convento no papel de gerador do saber de nível superior. A universidade é uma instituição pós-convento.

Em um tempo em que a educação básica era restrita a poucas pessoas, os conventos serviam para formar adultos interessados em aprofundar o conhecimento, em torno aos temas e dogmas da Igreja. Uma instituição intelectualmente isolada das idéias profanas. O surgimento na Europa dos antigos textos gregos provocou a imaginação daqueles que desejavam entender o mundo como ele era, e não como diziam os textos sagrados.

A ampliação da educação também fez aumentar o número dos que desejavam seguir estudando na idade adulta, mas não queriam ser monges isolados em conventos.

Naquele momento, os conventos tiveram a oportunidade de evoluir nos temas e métodos de estudo, mas não evoluíram. Não foram capazes de se ajustar e se transformar. O mundo das idéias não pôde esperar, e as universidades surgiram em nome do saber livre, criativo, sem apego a dogmas ou a métodos. As universidades são a resposta pós-conventos, por causa da incapacidade que eles demonstraram ante as novas exigências.

Ao longo de mil anos, essa nova instituição sobreviveu ajustando-se às mudanças e exigências do mundo. Mudanças nos métodos de ensino e pesquisa, nos conteúdos da vida intelectual e exigências de novos saberes para entender e mudar o mundo.

A universidade escolástica evoluiu científica e tecnicamente, departamentalizada, ajustada ao mercado, sempre em movimento, conforme o momento. Mas ela pouco mudou naquelas características básicas surgidas em Bolonha, Paris, Oxford no começo do segundo milênio.

Para o terceiro milênio, ela deverá mudar, não apenas se ajustando, mas se transformando radicalmente, para atender à nova realidade técnica e às novas exigências que o mundo impõe às idéias. Caso contrário, surgirá uma nova entidade: uma pós-universidade. O mundo assistirá ao surgimento dessa entidade, que passará a existir paralelamente à universidade, assim como conviveram conventos e universidades. Ela perderá a importância que teve nos últimos dez séculos. Sua capacidade de geração de saber superior será superada pela nova instituição pós-universidade, como aconteceu com os conventos, superados pela universidade.

O desafio da universidade para as próximas décadas é maior do que mudar, é evoluir. Maior do que reformar, é inventar. Mais do que se ajustar aos tempos atuais, ela precisa inventar uma instituição nova, tão diferente da atual quanto ela foi dos conventos nos tempos da sua origem.

Razões que exigem essa evolução:

- a) a velocidade com que as idéias evoluem, dentro de cada área do conhecimento, e na criação e superação de outras;
- b) a ocorrência da revolução da teleinformática oferecendo instrumentos nunca antes imaginados de como espalhar o conhecimento;
- c) a velocidade com a qual o conhecimento se espalha no mundo diretamente, sem necessidade da intermediação da universidade;
- d) o isolamento da universidade em relação às massas pobres, hoje excluídas da modernidade, por uma “cortina de ouro” que impõe um sistema de apartação;
- e) a globalização e como a economia, o saber e a cultura se interligam internacionalmente, instantaneamente.

Ainda é cedo para saber quais serão os vetores da invenção dessa pós-universidade para se ajustar a essa nova dinâmica universal. Mas pelo menos 14 diferenças vão caracterizar a nova instituição:

1) Sem endereço. A pós-universidade não terá endereço geográfico, e sim eletrônico. Ela certamente manterá vínculos com pontos geográficos, mas será sobretudo uma instituição em rede, que estará onde estiver o seu aluno, sem necessidade do conagraçamento físico constante com professores e colegas. A sala de aula será o ar, o quadro-negro será o monitor ou outro veículo multimídia.

Nas academias gregas, o ensino era feito de maneira direta, quase individualizada, entre o mestre e o aluno. O primeiro era um tutor, o outro um discípulo. Foi o quadro-negro, séculos depois, que inventou o professor, no lugar do tutor e do mestre. O quadro-negro ampliou o número de receptores do conhecimento, os alunos, e aumentou a distância física entre eles e os professores. O microfone permitiu aumentar ainda mais o número e a distância. Mas as novas tecnologias mudam não só a quantidade, mas a qualidade do processo de transmissão do conhecimento. Elas permitem o ensino

de cada professor em escala planetária, e a utilização de mais do que a palavra e os desenhos em um quadro-negro. Como o quadro-negro inventou o professor, essas técnicas vão inventar um novo profissional do ensino. E vão universalizar o ensino. O aluno poderá estudar onde estiver, a partir de emissões de ensino, “aulas” dadas por um promotor do ensino, “professor”, de onde ele estiver, na pós-universidade de qualquer parte do mundo.

2) Sem disciplinaridade. Em um mundo onde o saber muda constantemente, as disciplinas perderão o sentido. Porque o saber não vai mais avançar apenas nem sobretudo prisioneiro de uma especialidade, mas com o surgimento de novos campos de conhecimento. O professor e o aluno não vão mais aprender dentro de um campo, vão criar campos novos.

3) Sem nacionalidade. As universidades foram as primeiras instituições, depois da Igreja Católica, a promover o intercâmbio internacional entre seus membros, séculos antes das grandes empresas coloniais. Mas enquanto a Igreja se tornou cada vez mais universal, a universidade continuou nacional. Apesar de todo o intercâmbio, apesar de ter quadros cosmopolitas, as universidades ainda têm nacionalidade. Mesmo com mais da metade da sua comunidade formada por estrangeiros, as universidades norte-americanas ainda são norte-americanas. A dinâmica da universalização do processo do avanço do conhecimento, com a pós-universidade sem endereço físico, vai exigir a internacionalização de cada universidade. Ela será planetária ou não será um centro de ensino superior. Cada centro de ensino superior será um pequeno nó de uma imensa rede que os unificará. A pátria da universidade será a humanidade.

4) Sem isolamento. A pós-universidade será uma rede, de todas as unidades de promoção do conhecimento superior. A pós-universidade em rede incorporará não apenas centros específicos de ensino e pesquisa, nos moldes atuais, mas também todas as instituições

que geram saber: indústrias, consultorias, laboratórios, escritórios domésticos. Onde houver uma pessoa pensante, conectada, haverá um pedaço, um nó, da imensa rede de geração de conhecimento e que se chamará pós-universidade.

5) Sem muros. As universidades surgiram contra o isolamento dos conventos em relação à sociedade que os cercava. E, se comparada com os conventos, aproximou-se da sociedade. Mas a realidade do início do século XXI está provocando um afastamento ainda mais radical do que o existente na Idade Média, entre os que têm e os que não têm saber. Ao mesmo tempo em que se integra intelectualmente com o mundo, ela se isola socialmente ao seu entorno. O avanço técnico e o crescimento econômico estão construindo uma sociedade tão radicalmente dividida que em breve pode ocorrer uma ruptura na espécie humana, dividindo-a em duas partes distintas. Ao ser fisicamente planetária e fazer parte apenas de uma parte rica do mundo, a universidade se perderá eticamente, a não ser que ela se integre intelectualmente ao mundo todo, rico e integrado, mas não vire as costas ao mundo que a cerca, pobre e dilacerado. Essa ruptura está sendo construída e justificada, em grande parte, graças ao saber criado pelas universidades, tanto nos centros tecnológicos quanto nos centros das áreas humanas.

A universidade, ao mesmo tempo, cria intelectualmente os instrumentos da apartação global, pela economia, induz uma mutação biológica, por meio de ciências biológicas, e forma socialmente parte da parcela dos beneficiários desse novo modelo de desenvolvimento separado. Na África do Sul, setores do ensino superior tiveram papel fundamental na legitimação e construção do *apartheid*. Mas hoje, de maneira mais radical, trata-se de um processo de indução de uma mutação biológica a favor da parcela rica. A modernidade, aliada aos meios de produção no sistema neoliberal, está construindo um mundo dividido entre um primeiro-mundo-internacional-dos-ricos e um *gulag*-social-dos-pobres.

Cabe à pós-universidade lutar para que o destino da humanidade não seja a ruptura, e sim o encontro. Por isso, a pós-universidade não pode estar isolada da realidade. Ela deve se envolver nos problemas sociais que ocorrem ao redor de seus alunos, comprometendo-se eticamente com a construção de uma humanidade integrada.

6) Sem seleção. Ao mesmo tempo em que deverá estar alerta moralmente para não se isolar, a pós-universidade carregará em sua estrutura os instrumentos de inclusão social, uma vez que, ao ser aberta, ela vai poder receber como alunos aqueles que hoje a universidade exclui. Da mesma forma que os novos meios tecnológicos universalizam hoje o acesso aos bens culturais, possibilitando uma redução no pagamento de direitos aos artistas pela produção clandestina de suas obras, a pós-universidade, aberta, não poderá selecionar seus alunos. Todos

serão parte da pós-universidade; alguns continuarão, outros não; alguns ficarão, outros não. Mas na pós-universidade, todos poderão participar, independentemente do tipo de seleção para o ingresso em seus cursos. A contribuição para o aumento do conhecimento será muito diferente, mas todos terão o direito de acessar suas redes de aprendizado e ensino.

7) Sem neutralidade. Livre de mitos e dogmas religiosos, a universidade pôde, graças à neutralidade epistemológica, fazer avançar o conhecimento em uma velocidade e acuidade crescentes. Porém, desde o século XX, com a bomba atômica, a biotecnologia, o poder da engenharia e da economia, o conhecimento passou a ter um poder destrutivo catastrófico. E isso exige um controle ético, uma “desneutralidade”. Para ser humanista, a pós-universidade terá que fazer uma opção ética. Se a ciência e a tecnologia podem provocar catástrofes físicas, destruir o equilíbrio ecológico e provocar genocídios, as engenharias, a química, a física e outras áreas precisarão submeter-se a regras éticas. Com seu poder de mudar a realidade social, a economia deverá submeter-se a regras tão determinantes quanto a física. Se uma constrói bombas atômicas, a outra produz silenciosas bombas sociais. A biotecnologia, as medicinas e a genética deverão submeter-se a regras éticas que as impeçam de destruir o tecido social da semelhança da espécie, tão duramente construída ao longo de milênios. O saber da pós-universidade estará submetido a regras éticas.

8) Sem sectarismo. Para conseguir deixar a neutralidade ética, a pós-universidade precisará modificar o frio método científico, separado do sentimento e dos compromissos morais. Nesse novo saber, a ética será parte do próprio conhecimento por um método capaz de casar racionalidade com valores morais. Não haverá sectarismo racionalista. Não haverá regras impostas por códigos legislativos, mas sim comportamentos culturalmente aceitos, segundo os quais os engenheiros sentirão necessidade de proteger



o meio ambiente, os físicos de não produzir armas, os biólogos de não servir à criação de uma super-raça de ricos, os economistas de não induzir o desemprego para aumentar a riqueza. Porque no próprio conceito de riqueza estará o objetivo do emprego. A pós-universidade não terá medo do sentimento nem dos saberes não legitimados do momento. Até a espiritualidade terá espaço na pós-universidade, não só como campo de estudo, mas como prática de uma forma alternativa de saber. A pós-universidade não será puramente cartesiana.

9) Sem professor. Com a dinâmica atual com a qual o saber evolui e se espalha, diminui a fronteira entre quem já sabe e quem ainda vai saber, entre professor e aluno. Na pós-universidade, professor e aluno serão partes de uma única função: o permanente aprendizado do saber em evolução. Na “sala de aula etérea”, na rede internacional de geração de saber que será a pós-universidade, o diálogo, muito mais do que a aula, será o caminho. Nesse diálogo, alguns saberão mais do que outros em alguns assuntos; alguns terão mais experiência do que outros nos caminhos da geração do saber; mas não haverá uma fronteira nítida separando professores e alunos.

10) Sem diploma. Na pós-universidade não haverá ex-aluno, pelo menos enquanto o pós-universitário estiver no exercício de suas funções. Esta grande invenção da universidade, o diploma como reconhecimento cartorial do saber, desaparecerá. O saber aparecerá em toda a sua atualidade, ou não aparecerá. Mas seu reconhecimento não virá de um atestado. A pós-universidade deixará de outorgar diplomas, porque não poderá se responsabilizar pelo exercício do conhecimento que transmitiu e que estará superado no ano seguinte; e porque os usuários do saber não respeitarão um papel que comprove um saber adquirido no passado e já superado.

11) Sem prazo. Com a velocidade com a qual o saber evolui, não adianta esperar alguns anos para dar ao aluno o reconhecimento do

que ele sabe. Ele sabe o que sabe naquele instante. E depois de saber, talvez seu saber já esteja superado. A pós-universidade não vai poder marcar os prazos nos quais o aluno se transforma em profissional e o profissional em doutor. Ela vai formar sempre, e formar até sempre. O reconhecimento do saber poderá ser dado a qualquer instante, no nível adquirido pelo aluno até um determinado momento, mas em momento algum o aluno estará formado, porque a dinâmica do conhecimento vai exigir que ele continue estudando até o último dia de sua vida intelectual. A pós-universidade, instantânea no reconhecimento do saber, ao mesmo tempo será permanente na vida. Não somente por causa do mercado de trabalho, mas também pelos desafios éticos e a problemática geral do mundo.



12) Sem propriedade. O debate atual na comunidade acadêmica criou a dicotomia equivocada entre público e privado, como sinônimo de estatal e particular, de acordo com a propriedade da instituição. A pós-universidade vai substituir a categoria de propriedade pela categoria de finalidade. No lugar de estatal ou particular, conforme a propriedade, vai ser fundamental o público ou privado conforme o interesse do produto criado. Os cursos se dividirão entre aqueles de interesse basicamente público – como a formação de professores para a educação básica – e aqueles de interesse basicamente privado – como os cursos voltados apenas para a promoção pessoal do aluno. No caso de excedente de recursos financeiros estatais, toda a educação, inclusive de interesse puramente privado, deve ser financiada pelo Estado, em cursos gratuitos. No caso – mais comum – de escassez de recursos financeiros estatais, os cursos de interesse público devem ser gratuitos, pagos pelo Estado, mesmo em universidades de propriedade particular, enquanto se justificará a cobrança de anuidades, mesmo em universidades estatais, no caso de cursos de interesse puramente privado.

13) Sem reitor. Obviamente, a universidade sempre terá órgãos dirigentes e coordenadores, inclusive um executivo-chefe, como os reitores. Mas na pós-universidade, esses dirigentes e esse reitor não poderão exercer qualquer forma de hegemonia. A universidade tem que ser livre, sem hegemonia ideológica, sem supremacia administrativa, sem predominância de uma área de conhecimento sobre a outra.

14) Sem aprendizagem. O processo de aprender tem se beneficiado de equipamentos auxiliares. Hoje, muitas crianças não sabem mais como fazer as operações aritméticas, jovens não sabem mais calcular logaritmos, engenheiros não precisam mais desenvolver modelos, calculadoras e computadores fazem parte do trabalho que antes era aprendido. Mas é preciso aprender

a operar os equipamentos. Dentro de alguns anos, o avanço técnico poderá substituir até mesmo o simples aprendizado da operação de equipamentos. A biotecnologia, aliada à informática, permitirá enxertos de chips no cérebro, dispensando a necessidade de aprendizado de diversos tipos de conhecimento. Parte do trabalho da pós-universidade será em salas de cirurgia.

HÁ ESPERANÇA, AINDA

O fato de ter passado quarenta anos tentando reformar a universidade – como estudante, professor, reitor e ministro – me fez concluir que essa reforma dificilmente será feita. Não poderá ser importada do exterior sem o consentimento da comunidade, nem será feita a partir do seu interior, porque não contará com o apoio da comunidade acadêmica. Mas, quarenta anos depois de tantas mudanças no mundo – na técnica, na ética, na economia, no social, na política nacional e internacional –, a necessidade de reformar a universidade é ainda maior e mais urgente.

Precisando mudar, mas impedida de fazê-lo, a universidade será provavelmente substituída por outro tipo de instituição que preencherá o papel de vanguarda do saber, desempenhado por ela nos últimos mil anos. Mas a relação afetiva com a universidade de toda a minha vida adulta me aprisiona na esperança de que ainda é possível que a universidade evolua, ela própria, sem necessidade de uma instituição pós-universidade. Diversas universidades estão fazendo essa evolução, isoladamente. Elas vão se unir em rede, compondo o novo quadro gerador do ensino superior. O que vai definir se a universidade evoluirá ou se a pós-universidade tomará seu lugar como centro gerador de saber superior vai depender do resultado do processo entre as universidades-evolucionistas, que se transformam, e as universidades-convento, que reagem à mudança.